

MAL-ESTAR DOCENTE NA REDE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL: TRABALHO, PANDEMIA DE COVID-19 E RESISTÊNCIAS EM COLETIVO¹

Fernanda Silva do Nascimento²
Bettina Steren³

Resumo

Este artigo buscou compreender o fenômeno do mal-estar docente em tempos de pandemia de Covid-19 em uma escola estadual do sul do Brasil. Foram realizadas 6 entrevistas semiestruturadas com o professorado e inferências a partir da análise de conteúdo, categorial e temática. O estudo demonstrou que a pandemia e o ensino remoto emergencial reforçaram a necessidade de assegurar o direito a educação e dignidade humana frente antigos e novos riscos sofridos pela profissão que envolvem desde as condições do trabalho, sintomas de mal-estar, permanência estudantil e resistência em coletivo.

Palavras-chave: Mal-estar docente; Trabalho docente; Educação e pandemia; Ensino remoto emergencial; Ensino Público.

ENFERMEDAD DE DOCENTES EN LA RED ESTATAL DE EDUCACIÓN DE RIO GRANDE DO SUL: TRABAJO, PANDEMIA DE COVID-19 Y RESISTENCIA

Resumen

Este artículo buscó comprender el fenómeno del malestar docente en tiempos de la pandemia de Covid-19 en una escuela pública del sur de Brasil. Se realizaron 6 entrevistas semiestructuradas a profesores y se hicieron inferencias a partir del análisis de contenido, categórico y temático. El estudio demostró que la pandemia y la emergencia de enseñanza remota de emergencia reforzaron la necesidad de garantizar el derecho a la educación y la dignidad humana frente a viejos y nuevos riesgos que enfrenta la profesión, que van desde condiciones de trabajo, síntomas de malestar, permanencia de los estudiantes, movilización y resistencia colectiva.

Palabras clave: Malestar docente; Trabajo docente; Educación y pandemia; Enseñanza remota de emergencia; Educación pública.

TEACHER MALAISE IN THE STATE EDUCATION OF RIO GRANDE DO SUL: WORK, COVID-19 PANDEMIC AND RESISTANCE

Abstract

This article sought to understand the phenomenon of teacher malaise in times of the Covid-19 pandemic in a state school in southern Brazil. Semi-structured 6 interviews were carried out with professors and inferences were made based on content, categorical and thematic analysis. The study demonstrated that the pandemic and emergency remote teaching

¹ Artigo recebido em 13/02/2023. Aprovado em 02/06/2023. Publicado em 06/07/2023.

² Doutoranda em Educação (PUCRS), participante do Grupo de Pesquisa Processos Motivacionais em Contextos Educativos (PROMOT/PUCRS), Ligante na Liga Acadêmica de Psiquiatria (PUCRS, Escola de Medicina), pós-graduanda em Gestão da Educação (PUCRS), Docente da Educação Básica. E-mail: fernanda.n91@edu.pucrs.br

³ Docente da Escola de Humanidades do Programa de pós-graduação em Educação e do Curso de Pedagogia. Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Educação e do Grupo de Pesquisa "Processos Motivacionais em Contextos Educativos" da PUCRS. E-mail: bettina@pucrs.br

reinforced the need to ensure the right to education and human dignity in the face of old and new risks faced by the profession, which range from working conditions, symptoms of malaise, student permanence, mobilization and collective resistance.

Keywords: Teacher malaise; Teaching work; Education and pandemic; Emergency remote teaching; Public Education.

Introdução

A profissão docente ramifica-se na tessitura do campo da educação contribuindo com sua complexidade. A maneira como se constitui nos diferentes espaços e tempos traçam a história e configuração do ensino no país e fora dele. Ou seja, o conjunto de desafios que o professorado enfrentou nos últimos anos refletem as (im)permanências da arquitetura que envolve ser e estar docente no Brasil, haja vista que identificamos relações entre imprevisibilidades e antigas pautas de sobrevivência da profissão e da própria humanidade. Um destes cenários de incertezas circunda a crise sanitária, econômica e política vivida no período pandêmico.

A pandemia de Covid-19 foi decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, quando foram identificados vários casos da doença causada pelo coronavírus (SARS-CoV-2) em diferentes países do mundo. A velocidade de contágio e a alta mortalidade exigiram medidas sanitárias e a necessidade de distanciamento social, que culminaram em efeitos nas diferentes esferas e dinâmicas sociais, sendo uma delas a suspensão das aulas presenciais nas instituições escolares.

Visando dar continuidade ao ensino e garantir o direito à educação, diversos países buscaram desenvolver o chamado ensino remoto emergencial (ERE) (BEHAR, 2020, s/p), “modalidade que pressupõe o distanciamento geográfico de professores e alunos [...] adotada de forma temporária nos diferentes níveis de ensino por instituições educacionais do mundo”. As realidades foram diversas, variaram entre entregas de atividades impressas, compartilhamento de vídeos, aulas síncronas, uso das redes sociais, permeadas pelo debate sobre o uso das tecnologias digitais, metodologias ativas e desigualdades entre ensino público e privado.

Santos (2022, p. 29) salientou que a pandemia poderia revelar novas formas “de viver, de produzir, de consumir e de conviver” pelo bem comum, mas que certamente seria um processo atravessado por questionamentos e daria continuidade aos protestos, lutas contra as desigualdades e em defesa da proteção social pautada há décadas.

A profissão docente já enfrentava riscos e dilemas envolvendo inúmeras contestações acerca do trabalho do professorado. Tais questionamentos seguiram refletindo na imprecisão acerca de seu

papel, função e valor (CODO, 2006; MOSQUERA; STOBAUS; SANTOS, 2007) gerando inseguranças, angústias, medos e sobrecarga associados aos indicadores econômicos, políticos e sanitários da Covid-19, que difundiram os estudos sobre a pessoa docente, a saúde mental e condições do trabalho das professoras e professores, temáticas que temos nos dedicado nos últimos anos em nosso Grupo de Estudos e Pesquisa.

Em consonância, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE) e Confederação Nacional dos Trabalhadores em Estabelecimentos de Ensino (CONTEE) apoiou o Grupo de Estudos sobre Política Educacional e Trabalho Docente da Universidade Federal de Minas Gerais (GESTRADO/UFMG) no desenvolvimento da pesquisa intitulada *Trabalho docente em tempos de pandemia* (GESTRADO, 2020, 2020b). Parte do projeto foi dedicado ao ensino público no país, onde 15.654 pessoas participaram, sendo: 78% respondentes mulheres, 48,9% profissionais da rede municipal e 39% da rede estadual.

Os resultados mostraram que a arquitetura educacional se apresentou com uma diferença significativa no que remete às rotinas de trabalho. Com a implementação do ensino remoto, sobressaltaram-se dificuldades referentes ao uso das tecnologias digitais, tanto pelos docentes como discentes e o emprego de recursos próprios para dar continuidade aos trabalhos pedagógicos, indicando a necessidade de maior suporte por parte das redes de ensino e Estado.

O Instituto Península (2021) realizou um estudo longitudinal e identificou que, de maio de 2020 a setembro de 2021, os docentes foram se sentindo mais sobrecarregados (+ 20pp ou +54%) e um pouco menos ansiosos (-20pp ou -42%),⁴ com menos de 50% se descrevendo como motivados, ainda que 99% dos respondentes estivessem vacinados. A saúde mental dos docentes já estava fragilizada e o quadro foi ampliado com as relações estabelecidas ao longo da pandemia (DIAS & SÔNIGO, 2022).

Ao nos atentarmos às conjunturas descritas, surgiram os seguintes questionamentos: como o fenômeno do mal-estar docente se constituiu no período da pandemia? Como o trabalho docente tem sido desenvolvido frente aos projetos neoconservadores, incertezas e resistências que já vinham sendo fomentadas nas últimas décadas? Qual a percepção docente sobre o trabalho do professorado na rede estadual de ensino? Dito isto, este artigo buscou compreender o fenômeno do mal-estar docente em tempos de pandemia de Covid-19, a partir da escuta do professorado.

⁴ Pergunta Original: “Como você tem se sentido a maior parte do tempo?” – Escala de emoções desenvolvida por Marc Brackett, Ph.D, do Yale Center for Emotional Intelligence”. Relatório: *Desafios e perspectivas da educação: uma visão dos professores durante a pandemia*. Instituto Península, 2021.

O artigo foi dividido em cinco partes, considerando o texto introdutório, apresentação teórica, o percurso metodológico, a análise dos resultados apresentados na construção das categorias emergentes em diálogo com o levantamento bibliográfico e as considerações finais com as discussões estabelecidas a partir da participação docente.

O trabalho do professorado e os fatores de mal-estar: tempos de pandemia, neoconservadorismo e ensino remoto emergencial

No contexto brasileiro, a construção da profissionalidade docente esteve atrelada à expansão do neoliberalismo e do neoconservadorismo nos últimos séculos. A educação foi permeada pelos discursos de meritocracia, privatização, desigualdade entre ensino público e privado e, especialmente, pelo fundamentalismo religioso e pelo libertarianismo (MIGUEL, 2016). O fundamentalismo religioso utiliza-se da prática e visão radical dos pressupostos. Entre algumas frentes, atuou interferindo nas relações e pautas discutidas no congresso, ataque aos partidos e governos de esquerda e da própria dignidade humana (direitos sociais, diversidade, laicidade etc.).

Já o libertarianismo tem sido apresentado por meio de um ideal de liberdade dos indivíduos, no qual o Estado, por sua vez, é “mínimo”. Esse discurso também tem sido usado como base para movimentos contrários ao direito à educação, laicidade do Estado, liberdade de expressão e pluralismo de ideias, previstos na Constituição Federal (BRASIL, 1988). A agenda neoconservadora tentou se estender aos currículos, materiais didáticos, atividades, discursos e cotidianos escolares e tentaram ganhar mais espaço ao longo do antigo governo federal (2018-2024) concomitante à pandemia.

Dessa forma, tornou-se inevitável apontar a pandemia da Covid-19 no país sem citar a atuação do antigo governo brasileiro e seus aliados vinculados aos ideais neoconservadores, negacionistas e fundamentalistas. A fim de contextualização, cenários de maiores incertezas foram criados por uma gestão não participativa e instável, promotora de conflitos na área da saúde e de inseguranças sociais na maior parte da população: alimentar, informacional e educacional.

Presenciamos o contingenciamento de verbas para pesquisas nas universidades, suspeitas de desvios financeiros noticiados, discursos que tratavam a pandemia sem a relevância proposta pela OMS, mudanças nos instrumentos de controle e medida nos números de casos diagnosticados e elevados índices de mortes pela infecção e suas complicações. De março de 2020 até fevereiro de 2023, o Ministério da Saúde registrou 697.662 óbitos no país (BRASIL, 2023). As notificações ou

subnotificações geraram medo, ansiedade, insegurança e preocupação na população. Tínhamos um panorama sobre um antes, um durante e novas dúvidas sobre o futuro: o retorno das aulas, por exemplo e os danos à longo prazo.

Algumas escolas brasileiras estiveram sem aulas presenciais por cerca de 40 semanas (UNESCO, 2021), quando contavam com 2,2 milhões de docentes e 47,3 milhões de discentes no início de 2020 (BRASIL, 2020). De acordo com os dados do Censo Escolar (BRASIL, 2020, 2021, 2022), a rede estadual de ensino no Rio Grande do Sul teve uma queda no número de matrículas de 5,4% em 2021, em comparação com 2020, com um destaque para a Educação de Jovens e Adultos que obteve o expressivo número de 40 mil matrículas a menos (uma queda de 56%). Já em 2022, arriscando um pós-pandemia, as taxas de matrículas subiram em 3,7% (28 mil), quando recuperou cerca de 8 mil matrículas na EJA.

A sociedade experimentou formas de lidar com tantos questionamentos ao pensamento científico, crises econômicas, contingenciamentos, privatização, crescimento de plataformas e mobilizações da Educação à Distância (EAD) e de projetos como *homeschooling* (CURY, 2019) que nos fizeram temer pela sobrevivência da instituição escolar. Nóvoa e Alvim (2020) e Santos (2020) reforçam o olhar atento sobre o curso de tais movimentos, de modo que esses projetos não se instituíam. Há décadas, eles tentam se estabelecer e, portanto, é necessário manter a atenção para suas diversas estratégias.

O mal-estar docente (ESTEVE, 1994; CODO, 2000, 2006; MOSQUERA, STOBBAUS & SANTOS, 2007) foi identificado pelo desenvolvimento dos estudos envolvendo o adoecimento de trabalhadores e o seu esgotamento. Expande-se na década de 80, proveniente dos acontecimentos e paradigmas das relações de trabalho que se delineavam a partir dos anos 70, configurando a Síndrome de *Burnout* (FREUNDENBERG, 1974; FARBER, 1991), descrita como sobrecarga, exaustão e despersonalização.

A síndrome foi descrita por uma sequência de estágios que envolviam uma má gestão das necessidades humanas, que deveriam ser contempladas, como sono, alimentação, lazer e socialização, mas que eram postas de lado em prol da tentativa de um exercício profissional de excelência. Para Maslach e Jackson (1981), quando há tanto envolvimento permeado de tensões, tende-se ao desenvolvimento de uma disfunção emocional crônica no trabalhador – na tradução à língua portuguesa, uma combustão completa: *burnout*.

A Organização Mundial da Saúde (2019)⁵ inseriu em seus parâmetros a Síndrome de *Burnout* como uma síndrome resultante do estresse crônico laboral que não foi gerenciado com sucesso. A Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2016) reforça que não afeta apenas a saúde dos trabalhadores, mas também o bem-estar de seus familiares e, certamente, da sociedade como um todo. Nesse sentido, medidas diagnósticas e preventivas são fundamentais para a gestão do fenômeno. Isto posto, evidenciou-se uma prevalência dessa exaustão em algumas profissões, sendo uma delas a profissão docente (CODO; VASQUES-MENEZES, 2000; CODO, 2006; MOSQUERA; STOBAUS; SANTOS, 2007; CARLOTTO, 2011).

O campo de estudo o mal-estar docente foi introduzido por investigações acerca de questões osteomusculares e problemas vocais e gradativamente foi sendo vinculado à complexidade de seus fatores: econômicos, políticos, históricos, culturais, biopsicossociais. Para Esteve (1984), trata-se de uma doença social, nutrida por contestações e contradições provenientes da sociedade acerca da função do professorado, a imagem profissional, a desvalorização como agente educacional, recursos materiais e condições do trabalho, violências e sobrecarga que comprometem sua prática.

Percurso Metodológico

Para compreender o fenômeno do mal-estar docente no contexto de Covid-19, neoconservadorismo e movimentos de resistência, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa (CRESWELL, 2010) e exploratória, baseada em estudo de caso (YIN, 2001), considerando sua aplicabilidade nas pesquisas brasileiras (MARTINS, 2008), em uma escola estadual de ensino localizada do Rio Grande do Sul. Esse tipo de pesquisa permite uma interpretação acerca do que se escuta, vê e se compreende, em associação aos discursos, origens, histórias e contextos tanto dos participantes quanto dos seus leitores, evidenciando múltiplas possibilidades que podem emergir dos problemas investigados (CRESWELL, 2010) e pelo interesse na percepção profunda dos sujeitos.

A experiência do estudo de caso, com enfoque incorporado, considera tanto a incidência do fenômeno quanto o seu contexto, gerando variantes relevantes para sua compreensão (YIN, 2001; MARTINS, 2008). Para fins deste artigo, foram utilizadas seis entrevistas semiestruturadas com docentes. Optou-se pela entrevista semiestruturada (MINAYO, 1993; YIN, 2001; CRESWELL, 2010) pela possibilidade de interação com as professoras e professores e pela partilha de informações por parte das pessoas participantes acerca do objetivo de pesquisa e para além dele.

⁵ OPAS - Organização Pan-Americana da Saúde (2019) - Burnout – CID 11 (OMS): <https://icd.who.int/en/>.

Ademais, como técnica, foi escolhida por permitir o registro acerca de opiniões, gestos, comportamentos, silêncios, espontaneidade e valores expondo-se às subjetividades.

As pessoas participantes foram convidadas por atuarem em uma escola pública, mais especificamente da rede estadual, apresentando peculiaridades referentes às condições do trabalho docente em relação às municipais e às instituições privadas de ensino. Ademais, levantou-se que faz parte da historicidade da escola queixas de desmotivação da comunidade educativa e evasão escolar, a partir da mudança do perfil discente dos últimos anos. Trechos das entrevistas serão apresentados e os respondentes serão identificados no texto por D1 (docente 1), D2 (docente 2), D3 (docente 3) e assim por diante.

Para análise, foram utilizados os preceitos da análise de conteúdo, categorial e temática (BARDIN, 1977). Para isso, as entrevistas foram gravadas, transcritas, impressas e lidas a partir da noção de leitura flutuante. Utilizadas integralmente, codificadas conforme o tema apresentado e agrupadas em categorias, seguindo os princípios de exaustividade, representatividade, homogeneidade, pertinência e exclusividade. Foi mantido o critério semântico (temático) que embasaram as etapas de interpretação e inferências dos dados.

A escuta docente: o que nos revelam?

Buscando compreender o fenômeno do mal-estar docente ao longo da pandemia de Covid-19 e os seus atravessamentos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis docentes de uma escola da rede estadual de ensino. A escola oferece o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio e existe há quase sete décadas. Está localizada em uma área central da cidade capital do Rio Grande do Sul. A maioria das participantes foram mulheres (5). Observamos que na escola há uma maior atuação feminina, bem como ilustram os índices de feminização do trabalho docente no país. Por esse motivo, ao longo do texto optamos pela variação ao se referir às pessoas participantes conforme a incidência de respostas. As idades variam entre 25 e 51 anos.

Ao explorar as transcrições e realizar o agrupamento das unidades de registros conforme as temáticas apresentadas, o fenômeno do mal-estar docente a partir dos relatos do professorado foi elaborada a categoria *Mal-estar docente: trabalho e papel do professorado na rede estadual de ensino em tempos de pandemia*, e as seguintes subcategorias: *Ensino remoto emergencial: educação e relações para além da presencialidade*; *Educação como direito, direito à dignidade*

humana; Evasão, abandono escolar e permanência estudantil; e Estratégias: resistir em coletivo. Conforme a figura (Figura 1) a seguir:



Fonte: (elaborado pelas autoras, 2023)

Por escolha epistemológica, confiamos na conexão entre os diferentes elementos e fatores para constituição do estudo de caso aqui apresentado. Dessa forma, ao dividir o objeto em categoria e subcategorias, a pretensão de aprisioná-lo em uma única representação, mas tentar expressar percepções e discutir sobre as relações estabelecidas. Foram organizadas em uma estrutura ilustrativa e serão descritas ao longo do texto, alinhando narrativas, fatos, contextos, interpretações, documentos e outros referenciais.

O *ser docente*, em sua impermanência e complexidade, foi desenhado para além do envio de atividades, cobranças e correções de trabalhos. O trabalho e papel docente e da sociedade como um todo com relação aos profissionais da educação na percepção das pessoas entrevistadas deve ser delineado pelo encontro, pela escuta, empatia, respeito e humanidade, pelo olhar sensível à realidade da educação pública ainda que ninguém esteja preparado (D4).

Conforme Nóvoa e Alvim (2021, p. 4), é preciso pensar o papel docente em pelo menos três movimentos: “na construção de um espaço público comum da educação; na criação de novos ambientes escolares; na composição de uma pedagogia do encontro”. Afinal, verificamos que as

relações entre docentes e discentes são estabelecidas para além da presencialidade, e que os profissionais sentem que precisam dar conta de muitos assuntos, de muitas áreas e pessoas.

É pertinente pontuar olhares e falas de cuidado voltados para os estudantes ao longo das entrevistas, mas também uma percepção de si sobre sintomas e indicadores de mal-estar. As participantes descrevem que sentem desgaste, cansaço, chateação, desmotivação, insegurança, falta de energia para mobilização em prol de determinadas pautas, mas percebem a necessidade de resistir por um ideal de mundo melhor, por um compromisso ético, por entenderem que, em alguma medida, é seu papel. No entanto, ao introduzirem os efeitos do esforço empregado repensam sobre se é dever e apontam sobre um sentimento de solidão.

Gasparini, Barreto e Assunção (2005, p. 197) apontam que “depressão, fadiga, insatisfação, frustração, medo, angústia e ansiedade” precedem o esgotamento reforçado pela falta de apoio das instituições sociais. Os fatores e indicadores de mal-estar e bem-estar docente permeiam questões políticas, econômicas, culturais, histórias, biopsicossociais.

Outra questão basilar analisada envolveu a necessidade de clareza por parte do corpo docente e da sociedade como um todo do que deveria ser feito e o que estava sendo realizado com as aulas remotas: Ensino Híbrido? Educação à Distância? Segundo uma professora entrevistada, o ensino remoto estava deixando o pobre ainda mais pobre. Tal afirmação foi justificada pela dificuldade de acesso à internet por parte estudantes da escola e a falta de contato com eles: “Bom, muitas vezes ele tem um celular, sabe? E sabe onde é que ele vai conseguir a rede da internet? É no shopping, em outros lugares e nesse momento que está tudo meio fechado, sabe?” (D6).

Além disso, outra docente indicou sua angústia na qualidade do Atendimento Educacional Especializado (AEE) e comentou sobre as adaptações e acompanhamentos necessárias, apontando que já eram difíceis de serem desenvolvidos e pensava sobre os prejuízos que terão por causa do momento.

Contribuíram ainda com o fenômeno do mal-estar: a falta de organização estatal para atendimento da comunidade educativa; a falta de preparo (formação) para a situação e uso das tecnologias digitais e metodologias de ensino; o desafio instaurado no acompanhamento e avaliação das turmas; a angústia e preocupação constante com o prejuízo das aprendizagens; as condições das crianças afastadas do ambiente escolar (presencialidade); e o intenso investimento na cobrança de preenchimentos de documentos que caracterizam o processo de burocratização e controle de suas

atividades. Estes elementos foram somados às incertezas sobre o retorno e o futuro da profissão, dos estudantes e do país.

Destacamos que, em 2020, o sindicato Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), filiado à Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE), promoveu a campanha “Eu luto hoje, contra o luto amanhã! Escolas fechadas, vidas preservadas”. Enquanto isso, grupos organizados pediam o retorno das aulas presenciais, ainda que apenas 2,7% das escolas conseguiriam atender aos requisitos previstos pelos Centros de Operações de Emergência em Saúde (COE-Es locais).

O trabalho e o papel docente e o fenômeno do ensino remoto estiveram ainda relacionados de forma complexa e dinâmica articulando o ensino remoto emergencial à educação que transpõe o espaço físico da escola, mas não tão naturalmente como nos propõe Nóvoa e Alvim (2021). Embora movimentos tenham questionado seu significado e relevância, a pandemia reforçou para este grupo de professoras entrevistadas a importância do papel de socialização e segurança de centenas de crianças, adolescentes e jovens ao estarem no ambiente escolar: “A grande vantagem da escola é ser diferente da casa. Por isso, é tão importante a colaboração entre a escola e as famílias, porque são realidades distintas e ganham, uma e outra, com essa complementaridade” (NÓVOA; ALVIM, 2021, p. 6).

Uma das professoras compartilhou episódios relacionados à fome, uso de drogas, violências, trabalho infantil e intervenções que, por meio da escola e da assistência social, atuam em defesa e proteção das crianças e jovens ao longo do ano letivo. Como fazer este acompanhamento com o distanciamento e flexibilizações? Como pensar em saúde e tecnologias digitais quando a prioridade para muitos na escola são as refeições oferecidas? Foram questionamentos construídos ao longo de nossos diálogos.

A maior parte da comunidade discente mora em uma região metropolitana, um território que resiste em meio à ocupação urbana – por direitos e negação destes – ocupados pelo trabalho proveniente da reciclagem, território transversal às desigualdades, saneamento básico, moradia, alimentação, segurança, criminalização, violências etc. (FELIPPE, 2019).

A gente sabe dessa questão da imunidade e a gente vai para as nossas crianças e a gente sabe que a alimentação é precária e que isso vai ser uma bomba se por acaso aconteça a contaminação entre as crianças. A alimentação é mais fraca e infelizmente nós vamos ter mais casos de morte, por isso que nessas alturas o governo do Estado acho que está agindo adequadamente. Né? A gente nunca

concorda 100 por cento com os políticos né? Mas... [...]. Depois que a gente sair dessa e todo mundo sair vivo, a gente vê o resto (D2).

Os relatos apresentam a percepção de problemas em diferentes esferas como uma das participantes (D4) afirma ver crise em tudo: na política, na saúde, na educação, na economia, no papel e na função docente. Assim, retomamos o pensamento de Santos (2020) sobre as possibilidades de transformações a partir da pandemia e suas des/continuidades. Da mesma forma, sobre questionar: crise ou projeto de sociedade? Embora seja constatada a continuidade da atividade docente em alguma medida, sobre quais condições aconteceram fez com que as entrevistadas questionassem o verdadeiro papel de um professor e uma professora.

A preocupação das professoras e professores com os(as) estudantes no que tange suas vidas – o presente e o futuro – no mercado de trabalho, nos estudos e na própria sobrevivência frente à possibilidade de evasão, abandono ou permanência estudantil foi apresentada de forma recorrente.

Em 2019, a instituição contava com cerca de 56 docentes – segundo entrevistada –, 431 estudantes matriculados em 2017 (BRASIL, 2017), 386 estudantes em 2019 (BRASIL, 2019). Já em 2020, o Censo Escolar (BRASIL, 2020) registrou 326 matrículas (BRASIL, 2020) e 288 em 2021 (BRASIL, 2021). Assim, observamos uma queda no número de matrículas enunciada pelas professoras em seus relatos. Já havia uma preocupação com a evasão e abandono escolar de adolescentes e jovens antes da pandemia e a dificuldade de manter o contato com os discentes gerava maior preocupação com os profissionais em mantê-los motivados.

Há um conjunto de variáveis a ser considerado na promoção da permanência estudantil que versa tanto ao ambiente escolar (presencialidade) quanto para além dele. Conforme Art. 205. (BRASIL, 1988): “A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

Não podemos culpabilizar os professores e professoras por resultados que traduzem inúmeros agentes, elementos e processos como a burocratização e controle dos corpos e do trabalho docente incentivada pelo movimento “Escola sem Partido”, que estimulou uma utópica neutralidade política e ideológica no trabalho de milhares de professoras e professores, cerceando seus direitos e se materializando como um movimento de viés inconstitucional (PEREZ; MASCARENHAS, 2019).

De acordo com Stobaus, Mosquera e Santos (2007), o esgotamento é uma consequência do mal-estar que leva à desesperança. Apesar de tanto, há ainda forças em movimento de resiliência seguido de pedidos por apoio econômico, psicológico, de recursos e materiais tecnológicos e formação continuada. As professoras e professores demonstraram seu papel investigativo, buscaram por cursos e oficinas que auxiliassem no uso de metodologias de ensino e uso das tecnologias digitais, expressaram o cuidado e o afeto ressaltando as relações na virtualidade e distanciamentos, mas especialmente deixaram suas marcas éticas e políticas contra as desigualdades sociais e precarização do trabalho docente.

Identificamos nas entrevistas a chamada capilaridade educativa (NÓVOA; ALVIM, 2021), pois é evidente que a educação acontece nos diferentes espaços e tempos, mas precisamos estabelecer formas de mantê-la nos pilares do comum e da convivialidade. No encontro entre a unicidade humana e na legitimidade de suas diferenças construímos a convivência, devemos buscar a participação social, o desenvolvimento de aprendizagens, a organização do trabalho pedagógico, o bem-estar e/ou enfrentamento do mal-estar.

A pandemia exigiu outros modos de fazer o trabalho docente, impôs novas rotinas e ambientes de atuação, muito deles a própria moradia tornou-se espaço para planejamentos, gravações de aulas ou até mesmo transmissão delas. A figura docente foi descrita como fundamental, tal como equipes da área da saúde, ao mesmo tempo que decretos e discursos reafirmaram sua desvalorização.

Ao passo que identificaram uma aproximação por todos estarem vivendo uma pandemia, os recursos para atravessar este período foram desiguais e diferenciados facilitando o mal-estar docente. Antes do decreto da pandemia, as respondentes viveram paralisações referentes às condições do trabalho, cortes e parcelamentos salariais na rede estadual de ensino. Por esse motivo, no início da pandemia, ainda estavam finalizando o ano letivo anterior e seguiam temendo o aumento do chamado abismo entre o ensino público e privado que ficava cada vez mais em iminência.

Embora este trabalho enfoque o mal-estar docente por meio das problemáticas que são movimentadas pelas questões neoconservadoras, neoliberais e o contexto da educação em tempos de pandemia, apenas uma profissional entrevistada pensa em mudar de carreira. Mas, mesmo então, diz conseguir buscar métodos de resiliência frente aos desafios. Identificamos que, entre as estratégias

elencadas, a troca entre pares e o trabalho coletivo e cooperativo são vistos como um meio de fortalecimento e procura por soluções em prol de uma educação significativa:

As pessoas não entendem que para ti construir conhecimento e pra fazer um projeto tu tens que agregar conhecimento [...]. Não é eu fazer o projeto e produzir sozinho. A gente pode construir juntos, parece que as pessoas estão cansadas. Eu acho que eu vejo gente ainda muito apaixonada e que tem muitos anos e que passa fazendo trabalhos legais, mas não estão dispostos a compartilhar ou a fazer as coisas em conjunto (D6).

Identificou-se nas respostas a perspectiva de que as escolas não estavam preparadas, mas que não se pode dispensar a constante discussão sobre o papel docente e sua valorização, do mesmo modo que dialogar acerca das políticas, programas e medidas a serem desenvolvidas no âmbito da educação e da sociedade como um todo. Revelou-nos desafiador o panorama no que diz respeito à atuação docente. No entanto, vemos as possibilidades presentes de abordagens, desenvolvimento de projetos e programas de formação, diálogo e ações coletivas.

Todo esse mapeamento refere-se a uma possibilidade de representação de como os docentes de uma escola da rede estadual de ensino contribuíram na compreensão do fenômeno do mal-estar docente ao longo da pandemia e em tempos de neoconservadorismo e resistências.

Considerações Finais

Os fenômenos não afetam da mesma forma as pessoas, mas é característico no trabalho docente, em tempos de pandemia de Covid-19, que os conflitos e tensões políticas, econômicas, históricas, biopsicossociais pautadas pelos movimentos em defesa da escola pública, dos direitos à educação e por melhoria das condições do trabalho do professorado estiveram associados aos elementos que emergiram no contexto de imprevisibilidade, inseguranças e ensino remoto. Ou seja, o trabalho docente na escola pesquisada foi realizado em meio a antigos e novos desafios. Foram descritos sintomas e indicadores de mal-estar docente como: sobrecarga, ansiedade, medo, insegurança, desgaste, cansaço, baixos salários, necessidade de formação e apoio.

A escola é vista como local de alimentação, estudo, amparo, socialização, aprendizagens e trabalho. Para realização de suas atividades e enfrentamento das condições impostas foi preciso esforço e dedicação das(os) próprias(os) profissionais. Com isso, observamos que a atividade docente tem sido realizada mesmo em meio aos ataques pela frente neoconservadora, tendo como aporte e possibilidade o trabalho colaborativo entre pares e as mobilizações coletivas que seguem

atuando em prol de pautas pela valorização da profissão e condições do trabalho, alcançando, especialmente, alguns avanços relacionados ao piso salarial na rede estadual, políticas e programas educacionais no país.

Evidenciamos a importância da criação e da manutenção de espaços em que a educação e as escolas sejam pensadas como direito social para promoção de direitos, assegurando a dignidade humana e o exercício da cidadania. Sugerimos a continuidade de estudos e ações que apoiem a redução das desigualdades, valorização do professorado e, especialmente, a escuta docente, a participação ativa das(os) profissionais nos projetos e pesquisas para que sejam desenvolvidos programadas conforme as reais necessidades da categoria e das comunidades educativas frente os diferentes contextos e imprevisibilidades.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BEHAR, Patrícia Alejandra. O Ensino remoto emergencial e a educação a distância. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/artigo-o-ensino-remoto-emergencial-ea-educacao-a-distancia/>. Acesso em: 6 fev. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2017**.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2019**.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2020**.

BRASIL. Secretarias Estaduais da Saúde. **COVID-19 NO BRASIL**. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html Acesso em: fev. 2023.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2021**.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Resumo Técnico: Censo Escolar da Educação Básica 2022**.

CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout em professores**: prevalência e fatores associados. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v. 27, n. Psic.: Teor. e Pesq., 2011 27(4), dez. 2011.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. **Burnout**: sofrimento psíquico dos trabalhadores em educação. *Cadernos de Saúde do Trabalhador*, 2000.

CODO, Wanderley. **Educação**: carinho e trabalho. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. Tradução Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CURY, Carlos Roberto Jamil. HOMESCHOOLING OU EDUCAÇÃO NO LAR. **Educação em Revista**, v. 35, n. Educ. rev., 2019 35, 2019.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1994.

FARBER, Barry A. (1991). **Crisis in education**. Stress and burnout in the american teacher .São Francico: Jossey-Bass Inc.

FELLIPE, Leonardo da Silva. **Cartografia social da Vila Cachorro Sentado: mapeamento coletivo pedagógico e a Casa dos Cata-Ventos**. 2019. 52f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019.

FREUDENBERGER, Herbert. J. Staff burn out. **Journal os Social Issues**, Malden, v. 30, n. 1, p. 159-165, 1974.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. Educ. Pesqui., 2005 31(2), maio 2005.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Base de dados**. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. **Relatório Técnico**. Trabalho Docente em Tempos de Pandemia. Belo Horizonte: UFMG, 2020b.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisa no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 9-18, 2008.

MASLACH, Christina; JACKSON, Susan. E. The measurement of experienced burnout. **Journal of Occupational Behavior**, 1981, 2(2), 99-113.

MIGUEL, Luis Felipe. Da “doutrinação marxista” à “ideologia de gênero”: Escola sem Partido e as leis da mordça no parlamento brasileiro. **Direito & Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 15, p. 590-621, 2016.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 2ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1993.

MOSQUERA, Juan José Mouriño, STOBÄUS, Claus, & SANTOS, Bettina Steren dos. Grupo de Pesquisa mal-estar e bem-estar na docência. **Educação**, 30(4). Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/3562> Acesso em: jan. 2023.

NÓVOA, Antonio; ALVIM, Yara. Nothing is new, but everything has changed: a viewpoint on the future school. **Prospects**, Paris, v. 49, p. 35-41, 2020.

NÓVOA, Antonio; ALVIM, Yara Cristina. OS PROFESSORES DEPOIS DA PANDEMIA. **Educação & Sociedade**, v. 42, n. Educ. Soc., 2021, 42, 2021.

Organização Pan-Americana da Saúde. (OPAS). **CID**: burnout é um fenômeno ocupacional. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/28-5-2019-cid-burnout-e-um-fenomeno-ocupacional> Acesso em: dez. 2021.

Organização Internacional do Trabalho (OIT). “Estresse no local de trabalho: É hora de aliviar o fardo”. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/noticias/WCMS_475248/lang--pt/index.htm Acesso em: jan. 2023.

PEREZ, Ane Elisa; MASCARENHAS, Mariana Gomes. A INCONSTITUCIONALIDADE DO MOVIMENTO “ESCOLA SEM PARTIDO”. **Revista de Políticas Públicas**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 514–533, 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

UNESCO. Dois terços do ano acadêmico foram perdidos com o fechamento das escolas devido à COVID-19. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/109412-unesco-dois-tercos-do-ano-academico-foram-perdidos-com-o-fechamento-das-escolas-devido-covid> Acesso em: jan. 2023.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso, planejamento e métodos**. 2.ed. São Paulo: Bookman, 2001.